

Exame Final Nacional de Português
Prova 639 | 2.ª Fase | Ensino Secundário | 2018

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

VERSÃO 1

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia o poema.

Prefiro rosas, meu amor, à pátria,
E antes magnólias amo
Que a glória e a virtude.

5 Logo que a vida me não canse, deixo
Que a vida por mim passe
Logo que eu fique o mesmo.

Que importa àquele a quem já nada importa
Que um perca e outro vença,
Se a aurora raia sempre,

10 Se cada ano com a primavera
Aparecem as folhas
E com o outono cessam?

E o resto, as outras coisas que os humanos
Acrescentam à vida,
15 Que me aumentam na alma?

Nada, salvo o desejo de indif'rença
E a confiança mole
Na hora fugitiva.

Ricardo Reis, *Poesia*, edição de Manuela Parreira da Silva,
Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, p. 64.

1. Compare a atitude do sujeito poético com a dos outros «humanos» (verso 13), tendo em conta a oposição simbólica entre «rosas» e «magnólias», por um lado, e «pátria», «glória» e «virtude», por outro lado (versos 1 a 3).
2. Interprete o sentido da segunda estrofe, à luz da filosofia de vida de Ricardo Reis.
3. Explícite, com base no conteúdo dos versos 7 a 18, dois aspetos que evidenciem o modo como o sujeito poético percebe a passagem do tempo.

PARTE B

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

- Outra cousa muito geral, que não tanto me desedifica, quanto me lastima em muitos de vós, é aquela tão notável ignorância e cegueira que em todas as viagens experimentam os que navegam para estas partes. Toma um homem do mar um anzol, ata-lhe um pedaço de pano cortado e aberto em duas ou três pontas, lança-o por um cabo delgado até tocar na
- 5 água, e em o vendo o peixe, arremete cego a ele e fica preso e boqueando, até que, assim suspenso no ar, ou lançado no convés, acaba de morrer. Pode haver maior ignorância e mais rematada cegueira que esta? Enganados por um retalho de pano, perder a vida? Dir-me-eis que o mesmo fazem os homens. Não vo-lo nego. Dá um exército batalha contra outro exército,
- 10 houve quem os engodou e lhes fez isca com dois retalhos de pano. A vaidade entre os vícios é o pescador mais astuto e que mais facilmente engana os homens. E que faz a vaidade? Põe por isca nas pontas desses piques, desses chuços e dessas espadas dois retalhos de pano, ou branco, que se chama Hábito de Malta, ou verde, que se chama de Avis, ou vermelho, que chama de Cristo e de Santiago, e os homens por chegarem a passar esse retalho de pano
- 15 ao peito, não reparam em tragar e engolir o ferro. E depois disso que sucede? O mesmo que a vós. O que engoliu o ferro, ou ali, ou noutra ocasião ficou morto; e os mesmos retalhos de pano tornaram outra vez ao anzol para pescar outros.

Padre António Vieira, *Sermão de Santo António (aos peixes) e Sermão da Sexagésima*, edição de Margarida Vieira Mendes, Lisboa, Seara Nova, 1978, pp. 93-94.

NOTAS

chuços (linha 9) – paus armados com uma ponta de ferro.

desedifica (linha 1) – escandaliza; desmoraliza; desagrada.

engodou (linha 10) – enganou.

Hábito (linha 13) – traje usado por membros de ordens religiosas.

Malta, Avis, Cristo, Santiago (linhas 13 e 14) – ordens religiosas e militares.

piques (linha 9) – lanças terminadas em ponta aguçada.

4. Relacione o comportamento dos peixes, descrito entre as linhas 3 e 6, com as interrogações retóricas presentes nas linhas 6 e 7.
5. Explique a crítica que é feita aos homens, incluindo os membros do clero, a partir da linha 7.
6. Transcreva:
- a) a metáfora que, entre as linhas 3 e 6, exprime a ideia de falta de lucidez;
- b) uma estrutura anafórica que, entre as linhas 12 e 15, imprime ritmo ao discurso.

PARTE C

7. Cesário Verde adota um olhar subjetivo e crítico sobre a cidade.

Escreva uma breve exposição sobre a representação da cidade na poesia de Cesário Verde.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual refira uma característica da cidade enquanto espaço físico e uma característica da cidade enquanto espaço humano, fundamentando as ideias apresentadas em, pelo menos, um exemplo significativo de cada uma das características;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Página em branco

GRUPO II

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

No passado, os homens tinham certezas religiosas e morais. Toda a vida individual e social estava organizada em redor dessas crenças sagradas. Os seus símbolos de pedra, os monumentos religiosos, sobreviveram aos milénios, tal como as estátuas dos deuses e os livros de inspiração divina. A grande mudança teve lugar com a Revolução Industrial. Então, a pouco e pouco, a banca, a bolsa, o arranha-céus de escritórios substituíram a catedral. Paralelamente à crise do sacro, difunde-se a recusa do conceito de pecado e, eventualmente, do conceito de culpa. Já não existem tábuas da lei absolutas e imutáveis, e muitos pensam, depois de Nietzsche, que os conceitos de bem e de mal se estão a desvanecer, tal como a ideia de demónio e de tentação.

Muitos pensadores laicos constataam que o pensamento progressista triunfa hoje, mas como que despojado de valores. Ensina a não ser fanático, a ser tolerante, racional, mas, ao fazê-lo, aceita um pouco de tudo, o consumismo, a superficialidade da moda, o vazio da televisão. Não consegue, sobretudo, fazer despontar nos indivíduos uma chama que vá além do mero bem-estar, um ideal que supere o horizonte de uma melhor distribuição dos rendimentos. Não cria metas, não suscita crença. Não sabe fornecer critérios do bem e do mal, do justo e do injusto. Desta forma, tudo se reduz à opinião e à conveniência pessoais. Isto é o que os filósofos, os sociólogos e os observadores críticos continuam a dizer do nosso mundo. E não restam dúvidas de que, em boa medida, as suas observações têm fundamento. Mas, em nosso entender, não tomam em consideração os valores positivos do mundo moderno, a sua moralidade específica.

Partamos da observação de alguns factos. A nossa sociedade tem muitos valores reconhecidos, partilhados, não discutidos. Considera negativamente a violência em todas as suas formas. A nossa sociedade eliminou as formas mais brutais de abuso. Eliminou o duelo, as vinganças privadas. Hoje, a pouco e pouco, está a eliminar os focos de guerra. Combateu a doença e as dores físicas e mentais. Defendeu as crianças, os velhos, os doentes, protegendo-os com uma rede de direitos. Combate os preconceitos raciais, as discriminações étnicas. É certo que estas coisas ainda existem, mas são condenadas e combatidas como nunca o foram no passado. Também não é verdade que não sintamos o dever. Sentimos como drama e dever a pobreza do Terceiro Mundo. Sabemos que é nosso dever acabar com a miséria, com a fome, com os desgastes provocados pelas doenças. Sabemos que é nosso dever dirigir o progresso técnico para um equilíbrio ecológico que garanta a vida às gerações futuras. Não nos sentimos, de facto, para além do bem e do mal. Talvez sejamos hipócritas, mas damos-nos conta de que os desastres sociais e naturais são o produto do nosso egoísmo individual e coletivo.

Francesco Alberoni e Salvatore Veca, *O Altruísmo e a Moral*, 5.ª ed., Venda Nova, Bertrand, 2000, pp. 9-13 (adaptado).

NOTAS

bolsa (linha 5) – bolsa de valores; instituição onde são realizados negócios relativos à compra e venda de títulos de crédito, ações, fundos públicos, etc.

laicos (linha 10) – que não são dependentes de qualquer confissão religiosa.

sacro (linha 6) – sagrado.

1. No primeiro parágrafo do texto, os autores evidenciam a ideia de que, nas sociedades atuais,
 - (A) as crenças religiosas continuam a organizar toda a vida humana.
 - (B) os homens são dominados pelas ideias de culpa e de pecado.
 - (C) os valores materiais se sobrepuseram aos valores espirituais.
 - (D) os seres humanos perderam a noção do bem e do mal.

2. Na opinião de muitos pensadores, o «pensamento progressista» (linha 10), entre outros aspetos,
 - (A) falha por não discriminar entre o certo e o errado.
 - (B) incute ideias que ultrapassam a noção de bem-estar.
 - (C) insurge-se contra a criação de metas e de crenças.
 - (D) adquire relevo ao não dissociar fanatismo de intolerância.

3. No terceiro parágrafo do texto, os autores recorrem a um conjunto de exemplos para mostrar que
 - (A) os valores de natureza ético-moral desapareceram da sociedade atual.
 - (B) a sociedade atual conseguiu eliminar os graves problemas do passado.
 - (C) a sociedade atual se rege por valores que dignificam a pessoa humana.
 - (D) os homens da sociedade atual têm plena consciência da sua hipocrisia.

4. No excerto compreendido entre «Considera negativamente» (linha 22) e «de abuso» (linha 23), as formas verbais têm, respetivamente, um valor aspetual
 - (A) genérico e iterativo.
 - (B) perfetivo e iterativo.
 - (C) imperfetivo e genérico.
 - (D) genérico e perfetivo.

5. As frases «E não restam dúvidas de que, em boa medida, as suas observações têm fundamento.» (linha 18) e «Talvez sejamos hipócritas» (linha 32) exprimem a modalidade epistémica
 - (A) com valor de probabilidade, no primeiro caso, e com valor de certeza, no segundo caso.
 - (B) com valor de probabilidade, em ambos os casos.
 - (C) com valor de certeza, em ambos os casos.
 - (D) com valor de certeza, no primeiro caso, e com valor de probabilidade, no segundo caso.

6. Identifique as funções sintáticas desempenhadas pelas expressões:
 - a) «dos rendimentos» (linhas 14 e 15);
 - b) «que estas coisas ainda existem» (linha 27).

7. Indique o processo de coesão textual assegurado pelas expressões «No passado» (linha 1), «a pouco e pouco» (linha 5), «Já» (linha 7), «Hoje, a pouco e pouco» (linha 24) e «ainda» (linha 27).

GRUPO III

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre o impacto do progresso técnico na qualidade de vida do ser humano, no futuro.

No seu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2018/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

Grupo	Item							
	Cotação (em pontos)							
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	
	16	16	16	16	16	8	16	104
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	
	8	8	8	8	8	8	8	56
III	Item único							
								40
TOTAL								200